

**A ALTERÂNCIA DO USO DO VERBO ESTÁ/ESTAR NA FALA E
PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO 7º ANO “B e C” DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL AMBRÓSIO BEMERGUY EM
TABATINGA/AM**

Cheyne Myla Nunes Santana¹
Adriana Aparecida das Neves de Queiroz²

Resumo: O presente artigo mostra o uso da alternância do verbo está/estar na fala e produção textual dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. Para esse estudo, realizou-se primeiramente uma pesquisa bibliográfica na área da Linguística e do Ensino da Língua materna no qual a explicação se tornou plausível para a alternância dessas palavras tanto na fala quanto na escrita. No que cabe a composição do corpus foi aplicado com os alunos um teste oral e depois foi pedido para produzirem um pequeno texto sobre alguém do qual eles tinham mais apresso. Esse gênero foi escolhido por possibilitar melhor desenvoltura e menos formalidade, possibilitando a vasta captura de segmentos a serem analisados. A principal conclusão desse trabalho é que realmente há uma alternância entre as palavras está/estar na fala e produção dos alunos. Silva (2013, p. 62) diz que essa questão é explicada pela influência da oralidade não monitorada a omissão dos *erres* nos infinitivos (estudá, falá, está, etc.) que tem sido uma motivação para essa alternância. Diante disso, surgem discussões acerca de como se trabalhar a língua materna e a diversidade linguística em sala de aula no que dizem ALMEIDA (2020); SILVA (2013); BAGNO (2013); buscando assim refletir sobre o preconceito linguístico e quais meios para auxiliar o professor na conscientização dos alunos fazendo-lhes ter contato com os mais diversos gêneros e suas funções linguísticas para que possam fazer uso deles na medida da necessidade e da sua participação na própria sociedade, Silva (2013, p. 196).

Palavras-Chave: Linguística; fala; escrita; preconceito.

Resumo: questo articolo mostra gli usi dell’alternanza del verbo está/estar nel discorso e nella produzione testuale degli studenti del 7º anno di Scuola Elementare. Per questo studio è stat prima condotta una ricerca bibliográfica nell’area dela Linguistica e dell’insegnamento della Lingua Madre nella qual le spiegazione diventava plausibile per l’arternanza di queste parole sai nel parlato che nello scritto. In quanto si addice alla composixione di corpus è stata applicata com gli studenti una prova orale e poi è stato chiesto di procure um piccolo texto su qualcuno du cui avevano più fretta. Questo genere è stato scelto perché consente um design migliore e meno formalità, consentendo

¹Acadêmica do Curso de Letras – Língua Portuguesa e suas literaturas, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - CESTB da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: cheynemilla15@gmail.com

² Docente do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas-CESTB, mestre em Letras-Sociolinguística-Linguagem, Língua e Literatura pela Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul-UEMS. E-mail: anaqroz_13@hotmail.com

la vasta cattura di segmenti da analizzare. La conclusione principale di questo lavoro è che c'è davvero un'alternanza tra le parole e/essere nel discorso e nella produzione degli studenti. Silva (2013, p. 62) afferma che questa domanda è applicata dall'influenza dell'oralità non monitorata all'omissione di errori negli intinti (studio, fala, está, ecc.) che è stata una motivazione per questa alternanza. In considerazione di ciò, sorgono discussioni su come lavorare la lingua e la diversità linguistica in classe in ciò che disse ALMEIDA (2020); SILVA (2013); BAGNO (2013); cercando così di riflettere sul pregiudizio linguistico e su cosa significhi assistere l'insegnante nella sensibilizzazione degli studenti facendoli entrare in contatto con i generi più diversi e le loro funzioni linguistiche in modo che possano farne uso nella misura della necessità e della partecipazione alla società stessa, SILVA (2013, p. 196)

Parole chiave: linguistico; discorso; scrittura; pregiudizio.

1. INTRODUÇÃO

Segundo da Rosa (2006) em uma mesma comunidade, há variações no uso da língua. Ou seja, falamos a mesma língua, mas de maneiras diferentes. Podemos entender então que a língua é um conjunto de variedades. Cada língua é como uma grande pizza dividida em várias fatias. Cada fatia é uma variedade e nenhuma é melhor ou pior que a outra, ou seja, não existem dialetos superiores ou inferiores SILVA (2013). Ao chegarem à escola, os alunos já carregam consigo um vasto conhecimento de mundo, uma competência adquirida em suas relações com a sociedade. A fala é um ato individual, ou seja, não pode ser corrigida, mas a escrita sim. Uma primeira diferença entre as duas modalidades é entre o caráter natural da fala e o caráter tecnológico da escrita. A fala é uma capacidade da nossa espécie, e talvez todas as línguas do mundo tenham a mesma origem (RUHLEN, 1994).

Para entendermos como ocorre esse fenômeno precisamos definir o que é dialeto ou como muitos costumam chamar *variedade linguística*. Segundo SILVA (2013), dialeto é toda qualquer variedade linguística de uma mesma língua e que nesta obra usamos uma pela outra, como sinônimas. Isso é muito comum porque em todas as línguas e em todas as variedades linguísticas há formas em variação, que é um fenômeno universal, Silva (2013, p. 77). Essas variações não acontecem por acaso, elas são motivadas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Uma concepção de linguagem (meio e canal)

Embora linguagem e língua tenham significados semelhantes, a linguagem torna-se mais abrangente que a língua. A linguagem tem por definição termos como “faculdade”, “capacidade”, “atividade” com o foco na função cognitiva/biológica ora na função comunicativa/social da linguagem humana. Ou seja, uma ação. Através da linguagem há uma comunicação. Em resumo, pela linguagem expressamos sentimentos, pensamentos, ideias e intenções, promovendo a interação social:

Desde a infância todos os falantes de uma língua comunicam-se com base em uma gramática internalizada, que independe a aprendizagem sistemática, pois se adquire pelo contato com os demais falantes. É a partir desse saber linguístico implícito que os usuários se fazem entender, de uma forma ou de outra, e deixam transparecer as marcas de sua origem, idade, nível sociocultural. (BRASIL, 1998b, p. 57)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, de 1996, trata a seguinte definição de linguagem:

A linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da história. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1996, p. 7)

Dependendo do que se entende exatamente por fala, a sua origem pode ser antecipada ou retardada, mas colocar a origem da fala, assim como a conhecemos, por volta de cem anos atrás não constitui exatamente uma datação exageradamente antiga MACMAHON & MACMAHON, (2013). Como ela surgiu é amplamente debatido, mas as descobertas das neurociências, da paleontologia, da genética e de outras disciplinas, além da linguística, podem nos ajudar a formular e testar hipóteses (MACMAHON & MACMAHON, 2013; McNEIL, 2012; ARBIB, 2012). Contudo, este não é o objetivo desse artigo. A fala, de fato, é uma capacidade inata, ao nascermos já balbuciamos sons, ou seja, produzimos fala. Historicamente sabemos que a escrita não foi uma invenção única, mas foi reinventada várias vezes de forma independente, tal como mostra Ong (1982, p. 93-133) lembrando vários estudos. Além disso, segundo Marcuschi (2001) a escrita não deve ser confundida com a escrita alfabética, de maneira que não se pode imaginar a escrita como a única.

Para identificarmos as características sociolinguísticas e culturais dos alunos de forma sistemática, é preciso conhecimento acerca das atuais pesquisas em torno da língua materna. Soares (1998, p. 8) diz a respeito do que seria o mínimo que o professor deveria aprender no decorrer de sua formação:

Um alfabetizador precisa conhecer os diferentes componentes do processo de alfabetização e do processo de letramento. Conhecer esses processos exige conhecer, por exemplo, as práticas sociais e usos da língua escrita, os fundamentos do nosso sistema de escrita, as relações fonema/grafema que regem nosso sistema alfabético, as convenções ortográficas... exige ainda a apropriação do conceito de texto, de gêneros textuais... mas, além de conhecer o objeto de aprendizagem, seus componentes linguísticos, sociais culturais, o alfabetizador precisa também saber como é que a criança se apropria desse objeto, ter uma resposta para a pergunta: “como é que se aprende a ler e a escrever? A ler e produzir textos de diferentes gêneros?”. Isso significa conhecer o processo de desenvolvimento da fluência na leitura, os processos de aquisição e desenvolvimento de vocabulário, de que dependem a compreensão e a construção de sentido... O alfabetizador tem de conhecer o objeto da aprendizagem e também o processo pelo qual se prende esse objeto, a *língua escrita*. Infelizmente esses conhecimentos ainda não entram na formação dos alfabetizadores. (SOARES, 1998, P.8, grifos da autora)

O professor deve ter conhecimento acerca dos pressupostos teóricos da sociolinguística para entender o fenômeno do rotacismo. Segundo Mírian Lemle:

O professor que não tem preparo para entender o fenômeno da mudança linguística com a mesma naturalidade com que entende o fenômeno da evaporação ou da condensação da água é presa fácil de uma teorização preconceituosa dos fatos da língua. É uma teorização tremendamente perniciosa. Esse professor, que não entende o fenômeno de mudança da língua, acaba fatalmente acreditando na ideia de que a língua escrita é a língua *certa* e que tudo aquilo que não é igual ao certo é *errado*. Todos aqueles que falam *errado são ignorantes*. Ao professor, cabe reprova-los. E a situação se eterniza. (LEMLE, 1991, p. 63-4).

Os rotacismos também são fenômenos antigos da língua. Da mesma obra podemos citar o uso de *ingraterra* e de *excrarecido*, entre outros, Silva (2013, p. 63). Todas essas formas são, hoje, exemplos de variação linguística estigmatizada.

Bortoni-Ricardo diz que

[...] a função da escola, no processo de aquisição da linguagem, não é ensinar o vernáculo, pois estes alunos já trazem consigo ao iniciar sua escolarização, pois o adquirem na sua rede primária de relações da família e vizinhos. A função da escola é justamente desenvolver outras variedades que se vão acrescer ao vernáculo básico. (BORNONI-RICARDO, 2002, p. 345)

A autora afirma que a aquisição da linguagem é inata e que o papel da escola é promover novos conhecimentos, pois a língua ensinada na escola não é a mesma que usamos no dia a dia, SILVA (2013). Para entendermos como ocorre essa língua ensinada na escola, precisamos compreender primeiro a diferença entre *norma culta* e *norma padrão*. Partindo de uma questão de significação, de sinonímia da palavra *norma*, ela por si só, já deixa clara a imposição, a noção de regra, de preceito, de lei a ser cumprida, SILVA (2013, p. 44). Tal lei deve ser cumprida como se fosse um meio pela qual a língua não muda, não evolui. Atualmente a expressão *norma culta* serve para designar a língua utilizada por pessoas com um nível de escolaridade elevado, geralmente superior, e foi construída historicamente dessa maneira, SILVA (2013, p. 47). Segundo Faraco (2002, p. 40):

A expressão norma culta deve ser entendida como designada a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem um certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial com aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social.

Podemos constatar então que a norma culta, sob o ponto de vista dos linguistas, divide-se em duas, a formal e a informal, e é com essa significação que ela vem sendo empregada em muitas pesquisas sociolinguísticas (SILVA, 2013, p. 47).

A norma padrão, por sua vez, pode ser vista como a que unifica a norma culta, pois fixa as normas cultas para que se tenha um padrão de escrita, o que não deixa de ser importante, Silva (2013, p. 49). Lucchesi (2002, p. 65), entre outros, diferencia a norma padrão como sendo aquela que “reuniria as formas contidas e prescritas pelas

gramáticas normativas”, enquanto a norma culta “contém as formas efetivamente apreendidas da fala dos segmentos plenamente escolarizados, ou seja, os falantes com curso superior completo”.

2.2 O preconceito linguístico

É muito comum ouvirmos falar sobre preconceito linguístico, o ato de rotular o “certo e errado” na fala das pessoas. “Noções de certo/errado, de rico/pobre, de complexo/simples, são noções, acima de tudo, sociais” (Scherre, 2005, p. 41). Já ouvimos falar sobre os diferentes tipos de preconceitos: contra os índios, os negros, os pobres, enfim, são muitos, mas não se ouve falar em preconceito linguístico. Segundo Scherre (2005, p. 77), ele é igual ou pior o que o “preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe social (entre outros) [...] porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborando pela maior parte da sociedade como algo natural”. Parece que ele não existe, não existe uma característica que o identifique, como se todos os seres humanos falassem uma só língua. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), temos:

A discriminação de algumas variedades linguísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. (Brasil, 1998, p. 82)

Os mitos ou preconceitos em torno da língua são tão sérios, tão reais e tão prejudiciais que alguns não escaparam de ser listados pelos PCN:

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua-padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor da que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (BRASIL, 1998, p. 31)

Outro ponto importante a ser destacado é o *mito de que existe uma forma correta de falar*. Sabemos que a língua é um conjunto de variedades que sofrem mudanças ao lado do tempo. Silva (2013, p. 56) nos dá um exemplo, imaginemos que um falante da variedade culta da língua, com alto grau de escolaridade, precise fazer uma reunião com um grupo de pessoas sem escolaridade moradoras da zona rural, que provavelmente dominam apenas a variedade local. Esse grupo terá dificuldade em entender o falante da cidade. As duas variedades são de uma mesma língua, servem às necessidades de seus grupos da mesma forma, mas são diferentes.

Não existe apenas uma forma correta de falar ou mesmo de escrever; o que existe são situações de uso; precisamos saber qual é a melhor variedade a ser usada em cada uma delas, SILVA (2013, p. 57).

Entra em questão o *mito de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita*. Silva (2013, p. 58) diz que falar como se escreve, se estamos pensando na escrita a partir da norma padrão, na maioria das vezes, faz a pessoa parecer um alienígena. Para cada situação há uma maneira de falar. Bagno (1999, p. 130) usa uma metáfora bem esclarecedora: ele apresenta todas as línguas como um imenso guarda-roupa. Nesse guarda-roupa, você tem todos os trajes que precisará nas mais diversas situações. Cabe a você saber qual usar em cada uma delas.

2.3 Uso do infinitivo ou da forma flexionada?

Na escrita, a fala não é levada em consideração. A escrita é baseada na gramática normativa. Ou seja, as palavras são colocadas em orações de acordo com a semântica e sua sintaxe. Acrescenta DUARTE (2021),

Quando o assunto faz referência aos tantos questionamentos acerca dos fatos linguísticos, as flexões verbais parecem ser assunto de extrema relevância. Nada mais natural, dadas as peculiaridades que norteiam essa classe, nem sempre compreendida de forma plausível pelos usuários. (DUARTE, 2021)

Ao falarmos não nos atentamos ao usarmos uma palavra de forma errada. Por exemplo, quando trocamos o “estar” pelo “está”. A fala não nos condena, pelo contrário, ela aceita suas particularidades e dialetos, onde você cresceu, seu contexto social e sua referência linguística. Mas a escrita não, a palavra “estar”, na “forma infinitiva só pode ser substituída por outra infinitiva, enquanto que a forma flexionada ‘está’, não.” (DUARTE, 2021)

Vejamos então como (DUARTE, 2021) exemplifica, observe:

A garota pode **estar** enganada.

Assim como ela também pode:

Andar enganada (substituição por outro infinitivo).

Nunca: “A garota pode **está** enganada”.

Conjugação das Locuções Verbais

Segundo ARAÚJO (2021), nas locuções verbais, devem ser flexionados apenas os verbos auxiliares, e o verbo principal sempre indica a forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio). Analisamos a seguinte frase:

*A família **está** ligada ao amor e o amor **deve estar** ligado à família.*

Está: forma flexionada.

Deve: verbo auxiliar.

Estar: verbo no infinitivo.

3. METODOLOGIA:

A natureza da pesquisa empregada como base para a metodologia e todo o processo metodológico de busca e coleta de dados será a pesquisa qualitativa, que segundo Oliveira (2011, pg. 24) a pesquisa qualitativa;

[...]É entendida, por alguns autores como uma expressão genérica. [...] ela compreende atividades ou investigações que podem ser denominadas específicas. [...] a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seus significados, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. [...] procurando captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, explicando sua origem, relações e mudanças e tentando intuir as consequências.

A partir da conceituação do autor, a pesquisa qualitativa nos atenta não somente ao físico do objeto, mas o que está por trás dele. No campo da linguística aplicada visamos exatamente isso, observar além das aparências, que a partir da temática outrora proposta, a pesquisa qualitativa, atende como natureza de pesquisa, como um todo no que difere as relações sociais e linguísticas, os processos e características que queremos analisar durante essa caminhada de exploração e investigação do objeto de estudo.

A corrente teórica metodológica utiliza, se baseará no campo da linguística aplicada, tendo como um dos objetos de estudo a língua e suas conotações dentro da sociedade bem como o uso da língua enquanto ferramenta de comunicação e relações sociais. Segundo Tennen (1986, pg. 35) reconhece a linguística aplicada com tarefa principal “a de produzir conhecimentos sobre como as pessoas usam a linguagem no dia-dia e como gente de diferentes culturas usa linguagem de modos diferentes”.

A base da pesquisa concentrou-se primeiramente na pesquisa bibliográfica. Na concepção de Gil (1996, pg. 44). “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

3.1 Coleta de dados

Após a pesquisa bibliografia, depois de obter uma base de como e por onde começar pude ir atrás do objeto da pesquisa, os entrevistados.

Uma vez que se sabe quantos, como e onde procurar os falantes, inicia-se a pesquisa, que precisa estar bem definida, bem planejada. Mesmo que o seja, sempre haverá imprevistos, aspectos insuspeitos que surgirão no decorrer do trabalho, dificuldades de toda sorte. É necessário ter um arcabouço firmemente delineado, mas, ao mesmo tempo, amplo “jogo de cintura”. Serão, pois, previstos, nos mínimos detalhes, todos os passos

subsequentes para evitar hesitações frente ao falante. (OLIVEIRA E SILVA 2013 p. 124)

Foi trabalhado com o teste, segundo a concepção de Oliveira e Silva (2015):

[...] os testes, geralmente complementares de outro tipo de contato, que permitem a elicitación de dados desejados. Assim, por exemplo, se o estudo é sobre pronomes de tratamento, pode-se projetar um dispositivo para exemplo de um homem, velho, vestido de macacão e pedir ao falante que se dirija a essa figura, por exemplo, “pergunte a ele se ele quer pintar a sua casa” e gravar a pergunta. (OLIVEIRA E SILVA, p. 125)

E ainda segundo Paiva (2015)

A grande maioria dos sistemas de transcrição toma como ponto de referência o sistema ortográfico, independentemente da pronúncia efetiva. Se, de um lado, essa decisão compromete a fidelidade dos registros, tem por outro, a vantagem de garantir maior legibilidade da transcrição. (PAIVA, p. 137)

Ou seja, o modo de transcrição deve ser de acordo com a necessidade da pesquisa. Procurou-se então focar apenas nas palavras em estudo. De forma geral obedecendo a norma das palavras, segundo Paiva (2015). Foi pedido aos entrevistados que pronunciassem a seguinte frase: “A família está ligada ao amor e o amor deve estar ligado à família”.

Entrevistado 1: A família *está* ligada ê ao amô i u amô deve *está* ligado a família.

Entrevistado 2: A família *está* ligada ao amô ê o amô deve *está* ligado a família.

Entrevistado 3: A família *está* ligada ao amô i o amô deve *está* ligado a família.

Entrevistado 4: A família *está* ligada ao amô i a ô amô deve *está* ligado a família.

Entrevistado 5: A família *está* ligada ao amô i o amô deve *está* ligado a família.

Entrevistado 6: A *minha* família *está* ligada ao amô i ô amor deve estar ligado à família.

Entrevistado 7: A família *está* ligada ao amor i o estar ligado à família.

Entrevistado 8: A *minha* família é *está* ligada au amô ê o amor deve *está* ligado ao à família.

Entrevistado 9: A família *está* ligada ao amor e o amô deve *está* ligado à família.

Entrevistado 10: A família *está* ligado a amô e o amor deve *está* ligado à família.

O que se pode observar a partir das transcrições é o uso frequente da substituição do verbo no infinitivo “*estar*” pela flexão verbal “*está*”. Silva (2013, p. 62) diz que cientificamente tudo aquilo que normalmente é taxado de erro tem uma

explicação. Essa questão é explicada pela influência da oralidade não monitorada a omissão dos *erres* nos infinitivos (estudá, falá, está, etc.). Bagno (2013, p. 47) diz que todos os modos de falar apresentam uma organização gramatical complexa, perfeitamente demonstrável e exprimível na forma de regras, ou seja, todos os modos de falar são lógicos, têm sua gramática própria.

Observa-se também que há acréscimos da palavra “*minha*” que não estava na frase. E também a questão da palavra *amô*. Apesar de se estar lendo o texto usa-se com frequência a palavra *está*. Dizer que tais alunos estão “errados” seria um erro imensurável, pois, segundo Bagno (1999, p. 61): “É o velho preconceito grafocêntrico, isto é, a análise de toda a língua do ponto de vista restrito da escrita, que impede o reconhecimento da verdadeira realidade linguística”.

Segundo Silva (2013, p. 61) é extremamente comum pronunciarmos a palavra de maneira diferente da convenção ortográfica. Bagno (1999, p. 52) diz: “É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isto tentando criar uma língua falada ‘artificial’ e reprovando como ‘erradas’ as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma”. Não podemos simplesmente achar que ao taxarmos o aluno em “burro” ou “errado” ou com adjetivos similares, estaremos resolvendo esse problema. Silva (2013, p. 64) diz que também não se pode transformar a variedade estigmatizada em uma norma dentro da sala de aula nem de deixar de tratar desvios* como desvios; mas de sempre levar em consideração a língua como um todo, não tendo em vista apenas uma parte dela.

Devemos deixar claro que o principal objetivo não é falar “certo” ou “errado”, e sim saber adequar o registro à situação em que nos encontramos. Isso é ser fluente em uma língua, e essa deve ser a nossa principal meta, Silva (2013, p. 178).

Nessa perspectiva analisaremos os textos dos alunos que participaram da pesquisa.

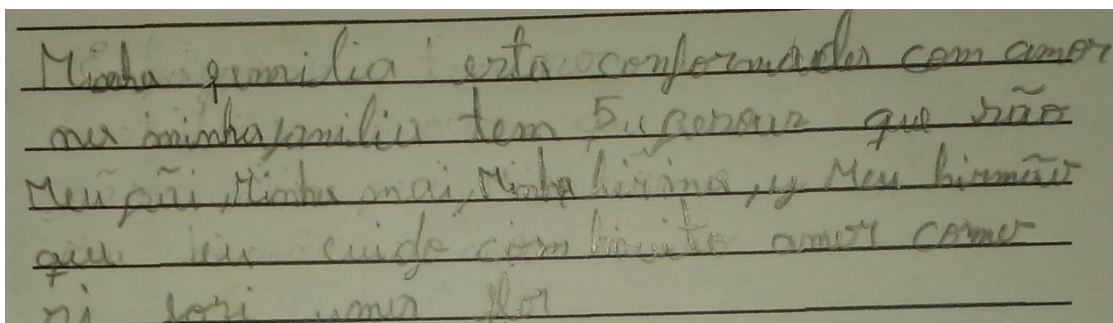


Imagem 1. Minha família

Fonte: SANTANA, Cheyne Myla Nunes. (2022)

“Minha família esta conformada com amor. Na minha família tem 5 pesoas que são meu pai, minha mai, minha hirma, y meu hirmão que eu cuido com muito amor, como si fosi uma flor.”

Nessa imagem podemos observar a palavra *esta*, que provavelmente era para ser substituído pelo verbo *estar* (*está*). Pois traz outro sentido à frase, assim estaria escrita corretamente. Temos também a presença do *Mai*, que no caso seria *Mãe*. Vemos também a palavra *hirmão*, uma característica do espanhol, pois na Colômbia irmão é *hermano*. Contudo observa-se que o aluno escreve da maneira que fala. Hipoteticamente tem parentescos estrangeiros que influenciam na sua fala. O professor de língua materna precisa possibilitar o ensino da norma socialmente privilegiada, sem estigmatizar ou negar quaisquer usos que as crianças traga consigo, Silva (2013, p. 187).

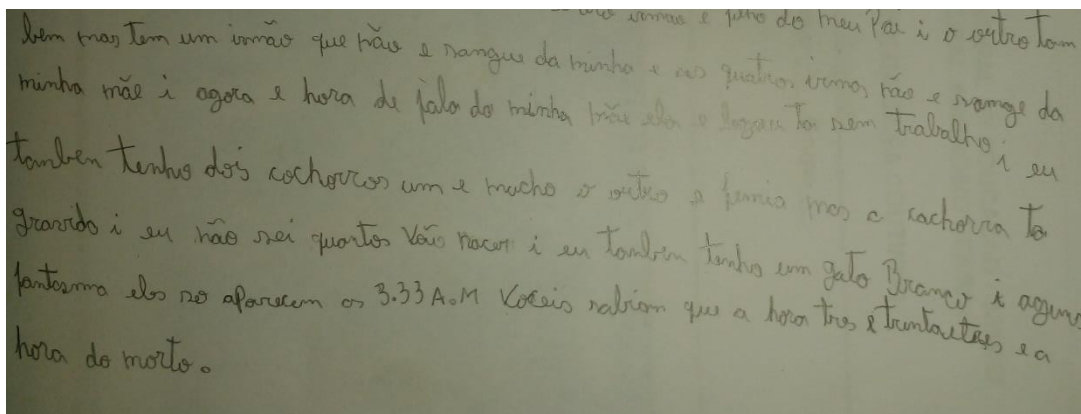


Imagem 2. Na minha família

Fonte: SANTANA, Cheyne Myla Nunes. (2022)

“Mas tem um irmão que não é sangue da minha e as quatro irmãs não é sangue da minha mãe i agora e hora de fala da minha mãe. Ela e legal ta sem trabalho i eu também tenho dois cachorros, um e macho, o outro e femea. Mas a cachorra ta grávida i eu não sei quantos vão nacer i eu também tenho um gato branco e alguns fantasma, eles se aparecem as 3.33 A.M voceis sabiam que a hora três e trintaetres e a hora do morto.”

A imagem 2 traz o exemplo *ta*, muito usado no nosso dia a dia. Poderia ser substituído pelo *está*. Temos também a vogal *i* que no caso seria o *e*. Percebemos que o autor do texto escreve essas palavras da forma como fala. A palavra *voceis* também se escreve como se fala. Segundo Silva (2013, p. 61), a criança trabalha com hipótese de acerto, não de erro. Um adulto semianalfabeto não age de maneira diferente: a tendência é representar, na escrita, o que ele ouve, da maneira que ouve.

A família não é um grupo de amigos os amigos só vem quando você está bem mais quando você está mal nem aparecem a família é diferente ela está quando você está bem e quando você está mal a família nunca te vai abandonar algumas famílias sim e outras famílias não algumas famílias são boas algumas

Imagem 3. Minha Família e Amigos

Fonte: SANTANA, Cheyne Myla Nunes. (2022)

“A família não é um grupo de amigos, os amigos só ven quando você está bem, mais quando você está mal nem aparecem. A família é diferente, ela está quando você está bem e quando você está mal. A família nunca te vai abandonar. Algumas famílias sim e outras famílias não. Algumas famílias são boas.”

Nessa produção podemos encontrar o uso do *esta* de forma “inapropriada”. Possivelmente substituído pela flexão *está*. Vemos também a palavra *quando*, em espanhol, no caso do português seria *quando*. Assim, vemos que em sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, Bortoni-Ricardo (2004, p. 25). Esse domínio social pode ser em casa, por exemplo, os familiares do aluno talvez falem dessa forma e o mesmo assimila e passa a reproduzir essa mesma fala. O que se aprende na família, com os amigos e na escola, usando uma terminologia que vem da tradição sociológica, é o que chamam de *domínios sociais*, Bortoni-Ricardo (2004, p. 23).

A minha mãe é muito trabalhadora ela tem 34 anos é gosta de sair de casa e também é inteligente ela é linda assim eu não sei como ela pode com tudo da cozinha, limpa a casa e outras coisas a minha mãe não sabe nadar ela tem medo de rato e de aranha quando minha mãe tá brigando comigo ela depois me fala desculpa e me diz que tem que melhorar e também ela, a minha mãe, e lagou eu zango muito a minha mãe.

Imagem 4. Minha Mãe

Fonte: SANTANA, Cheyne Myla Nunes. (2022)

“A minha mãe é muito trabalhadora, ela tem 34 anos é gosta de sair, de compra e também e inteligente. Ela é linda aveses eu não sei como ela pode com tudo, ela cozinha, limpa a casa e outras coisas. A minha mãe não sabe nadar, ela tem medo de sato e de aranha. Quando minha mãe ta brigando comigo ela depois mi fala discupa e mi dis que tenho que melhora e também ela, a minha mãe e legal eu amo muito a minha mãe.”

Temos nessa produção mais uma ocorrência da substituição do *está* pelo *ta*. Além da troca do [p] que é uma *bilabial* pelo [t], uma *linguodental* na palavra *sato*, que no caso, ele queria dizer *sapo*. Na língua falada, temos várias maneiras de falar. Na escrita, no entanto, o erro representa uma transgressão à convenção ortográfica vigente, que, por sua vez, é regida por leis.

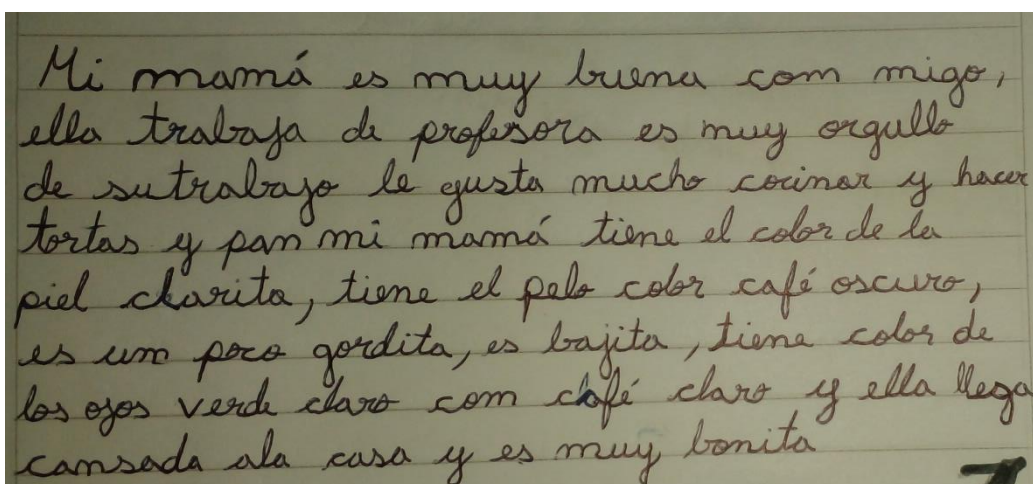


Imagem 5. Minha Mãe é Boa

Fonte: SANTANA, Cheyne Myla Nunes. (2022)

“Mi mamá es muy buena con migo, ella trabaja de profesora es muy orgullo de su trabajo. Le gusta mucho cocinar y hacer tortas y pan. Mi mamá tiene el color de la piel clarita, tiene pelo color café oscuro, es un poco gordita, es bajita, tiene color de los ojos verde claro con café claro y ella llega cansada ala casa y es muy bonita.”

Nessa produção podemos ver claramente que o aluno não tem como língua materna a língua portuguesa, o texto todo está escrito em espanhol. Nota-se que neste caso não há alternância de um idioma para outro, segundo Queiroz (2019, p. 94), ao usar a alternância de línguas é constatada a competência de pessoas bilíngues que administram essa aptidão linguística, os fatores sociais, cognitivos e linguísticos contribuem para a prática cotidiana desses estudantes. Nesta perspectiva, é importante tratarmos em sala de aula questões como bilinguismo; e pelo fato de estarmos em uma tríplice fronteira, muitos alunos têm como língua materna o espanhol. Por esse motivo ocorre uma difusão intensa do português brasileiro nas regiões fronteiriças dos países

vizinhos, em que existem diversas modalidades linguísticas chamadas pejorativamente de *portunhol*, que já são línguas maternas de milhares de pessoas, Bagno (2013, p. 55)

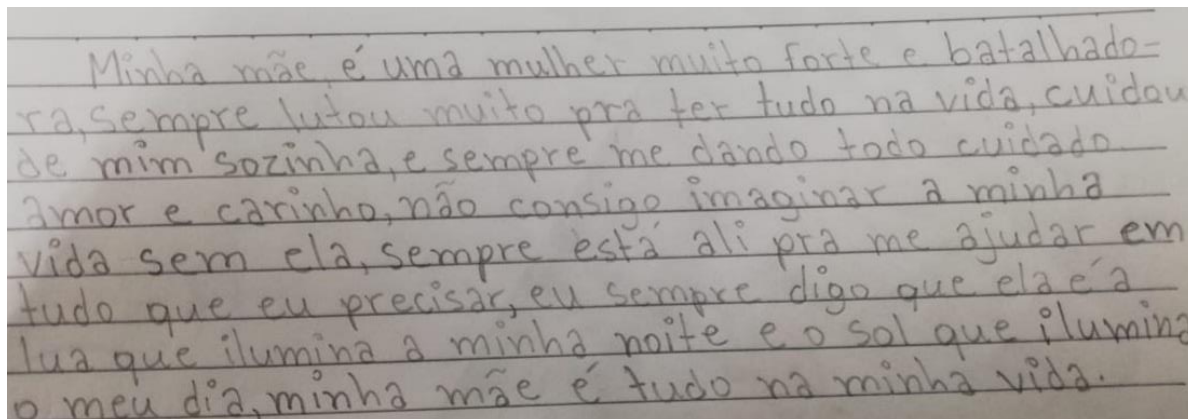


Imagem 6. Minha Mãe, Meu Exemplo

Fonte: SANTANA, Cheyne Myla Nunes. (2022)

“Minha mãe é uma mulher muito forte e trabalhadora, sempre lutou muito pra ter tudo na vida, cuidou de mim sozinha, e sempre me dando todo cuidado, amor e carinho, não consigo imaginar a minha vida sem ela, sempre está ali pra me ajudar em tudo que eu precisar, eu sempre digo que ela é a lua que ilumina a minha noite e o sol que ilumina o meu dia, minha mãe é tudo na minha vida.”

Por fim, nesse último recorte a aluna faz uso “correto” do verbo “estar”, já conjugado (*está*). Podemos observar que o autor descreve de forma clara a mãe. Adjetivando-a de forma precisa e objetiva, assim como em outros recortes a escrita está coesa, o pensamento está organizado e o uso da gramática normativa é bem clara.

Dessa maneira

4. CONCLUSÃO

Diante do pressuposto, é de extrema importância a conscientização de professores e alunos acerca da língua materna baseando-se nos princípios sociolinguísticos existentes. Só assim podemos observar a grandiosidade da língua portuguesa e suas variedades. É importante para o aluno que ele conheça as formas linguísticas, tanto da fala quanto da escrita e que ele entenda que essa diversidade é legítima, Silva (2013, p. 188). Bem como saber que existe diferenças no uso dos verbos quando estão no infinitivo e flexionado.

Chamo a atenção para uma proposta de tratamento sobre a erosão da morfologia de flexão sobre a formação linguística marcada entre as formas culta e

popular tanto na fala quanto na escrita. Porque se esse fenômeno está acontecendo, é por influência do contato com educadores e a comunidade educacional em geral.

De acordo com Bagno (2008), usar a língua, tanto na modalidade oral ou escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequação e o da aceitabilidade. Combatendo assim os preconceitos linguísticos e regionalistas em sala de aula. Encerro este artigo com a citação de Paulo Freire: “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. (Freire, Paulo, 2006, p. 113).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Verônica Pereira de. **A diversidade linguística em sala de aula: concepções elaboradas por alunos do Ensino Fundamental II** /- 1. Ed. – Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

ARAÚJO, Luciana Kuchenbecker. “**Locução verbal**”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramática/locução-verbal.htm>. Acesso em 04 de abril de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, 1998.

BAGNO, M. **A norma culta: língua e poder na sociedade brasileira**. 3. Ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, M. **Preconceitos linguísticos, o que é, como se faz**. 50ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Loyola, 2008.

BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. O estatuto do erro na língua oral e na escrita. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (Orgs). **Sociolinguística e ensino: contribuições para formação do professor de língua**. Florianópolis: EdUFSC, 2006, p. 267-276.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b. 106 p.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guaranis e Kaiowá em Matogrosso do Sul**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2013.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. “**Uso do infinitivo ou da forma flexionada?**” Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/uso-infinitivo-ou-forma-flexionada.htm>. Acesso em 04 de novembro de 2021.

FARACO, C. A. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MAC MAHON, A. MAC MAHON, R. **Evolutionary Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Fala e escrita: uma visão não dicotômica**. Revista do GELNE, vol. 3, 2001.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza, (Orgs). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. – 4. Ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração**. – Catalão: UFG, 2011.

ONG, Walter. [1982]. **O mundo no papel**. São Paulo: Atica, 1998.

QUEIROZ, Adriana Aparecida das Neves de. **Contato entre línguas na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru: a influência do espanhol no português tabatinguense**. Dissertação de Mestrado Letras Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2019.

RUHLEN, M. **The Origin Of Language**. New York: John Wiley, 1994.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. **A sociolinguística e a língua materna**. Curitiba: InterSaberes, 2013.